

As Exportações Paranaenses e a Competitividade do Complexo Agroindustrial

Vanderlei José Sereia*

Jorge Madeira Nogueira**

Márcia Regina Gabardo da Camara***

RESUMO

O objetivo deste artigo é estimar a competitividade das exportações paranaenses do complexo agroindustrial. A decomposição das fontes de crescimento das exportações, obtida pela aplicação do método Constant Market Share (CMS), confirmou a competitividade desse complexo. Na primeira metade dos anos 90, o crescimento do comércio mundial e a competitividade contribuíram para o crescimento das exportações paranaenses. De meados até o final da década de 90, a composição da pauta e a competitividade das exportações passaram a explicar o crescimento das exportações, mesmo nos momentos de crise mundial. As vantagens comparativas reveladas confirmaram o maior dinamismo da pauta de exportações paranaenses para produtos como suco de laranja, madeira em placas e açúcar (bruto e refinado).

Palavras-chave: *competitividade; market share; vantagens comparativas reveladas; complexo agroindustrial.*

ABSTRACT

The main purpose of the article is to estimate the competitiveness of Parana's exportation agribusiness. The Parana's decomposition of the sources of growth of the exports, obtained by Constant-Market-Share method (CMS), confirmed the existence of competitiveness of agribusiness exportation in the studied period: in the first half of the year 90, the growth of the world trade was responsible for the growth of the Parana's exportation. Starting from the beginning until the end of the decade of 90, the composition of the line and the competitiveness of the exports explained the growth of the exports, even in the moments of world crises. The indicators of comparative advantages confirmed larger dynamism of exportation of orange juice, wood in the format of plates and sugar (rude and refined).

Key words: *competitiveness; constant market share; comparative advantages; agribusiness.*

*Economista, mestre em Política Econômica pela Universidade de Brasília (UnB), professor assistente do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vjsereia@sercomtel.com.br

**Economista, mestre em Engenharia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutor em Desenvolvimento Agrário pela *University of London* (UL), Inglaterra. Professor titular da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: jmn0702@unb.br

***Economista, mestre e doutora em Teoria Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mgabardo@sercomtel.com.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o comportamento das exportações paranaenses e a competitividade do complexo agroindustrial entre 1989 e 1999. O estudo discute a evolução das exportações mundiais e paranaenses, e identifica e analisa os efeitos do crescimento do comércio mundial, da composição da pauta de exportações e do destino das exportações na competitividade do complexo agroindustrial paranaense, via vantagens comparativas reveladas (VCR) de suas exportações.

O modelo *Constant Market Share* (CMS) decompõe os efeitos do crescimento das exportações e indica os fatores que influenciam o desempenho das exportações dos principais produtos agroindustriais paranaenses. O padrão das exportações é identificado e analisado pelas VCR das exportações paranaenses em relação ao comércio mundial. Há elevada participação do complexo agroindustrial nas exportações paranaenses. Com a implantação do pólo automotivo na Região Metropolitana de Curitiba em 1996, os produtos industriais têm aumentado nas exportações paranaenses.

O desempenho da economia paranaense apresenta comportamento similar ao da economia brasileira e tem sofrido o impacto das políticas macroeconômicas, embora apresente características próprias relacionadas à sua vocação econômica agroindustrial.

No Brasil, o auge das exportações agrícolas se deu ao longo da década de 70 e início da década de 80. Foram beneficiadas pelos preços das *commodities*¹ em alta no mercado internacional, a despeito de qualquer decisão de política cambial ou incentivos brasileiros às exportações. A partir de então, tem havido estagnação devido à perda de capacidade produtiva da agricultura.

As dificuldades brasileiras advindas de compromissos do país com a dívida externa, os baixos preços das mercadorias, a escassez de recursos e a rigidez de prazos dos empréstimos internacionais têm pressionado a retomada de crescimento do mercado doméstico. A dinâmica interna tem criado condições para que os produtos agrícolas de consumo doméstico² ampliem sua oferta no mercado interno e para exportação.

Os incentivos creditícios, a política de preços mínimos, a pesquisa e a experimentação protegeram os bens domésticos, proporcionando a retomada de seu crescimento. Nesse período, as taxas de crescimento dos produtos de consumo interno têm sido superiores às dos produtos de exportação. (GOLDIN; REZENDE, 1993)

A modernização tecnológica da agricultura transformou a base técnica de produção e tornou o setor agrícola mais eficiente no uso dos fatores de produção. A nova dinâmica do setor agrícola acelerou a agroindustrialização nos anos 80, período no qual o cenário mundial se transformou. Os países desenvolvidos ampliaram a proteção ao mercado interno e os investimentos nos setores agrícolas, resultando na elevação dos estoques mundiais; conseqüentemente, os preços dos produtos agrícolas, em geral, declinaram.

No final dos anos 80, as políticas macroeconômicas de estabilização continuaram a afetar intensamente a agricultura de exportação. Essas políticas exerceram efeitos negativos profundos sobre os preços relativos e sobre a lucratividade da agricultura, criando conseqüências de efeito alocativo, que atuaram em sentido contrário às políticas setoriais, com significativos desperdícios de recursos. (CARVALHO, 1995)

¹ *Commodities* são mercadorias em estado bruto ou produtos primários e industriais de importância comercial.

² Produtos agrícolas de consumo doméstico são o arroz, feijão, milho, trigo, algodão e cana-de-açúcar.

A política tarifária diferenciada das exportações agrícolas, visando à estabilização econômica, penalizou o setor produtivo interno e beneficiou as importações, que passaram a concorrer com o produto nacional. O padrão de crescimento agrícola dos anos 80 conciliou a valorização do mercado interno, com redução do ritmo de crescimento das exportações. As estruturas dos setores exportadores transformaram-se, e os produtos básicos cederam posições para os produtos semimanufaturados e manufaturados agroindustriais.

Alguns setores ingressaram mais cedo no processo de industrialização e exportação para os mercados mundiais mais competitivos. A diferenciação e a qualidade dos produtos destinados ao exterior exigiram a incorporação de novas tecnologias, resultando em estímulos à modernização tecnológica dos setores industriais mais dinâmicos. Estes aumentaram rapidamente sua capacidade de competição e sua participação no valor das exportações do complexo agroindustrial brasileiro.

As dificuldades para os produtos nacionais ingressarem nos mercados internacionais mais competitivos – mais protegidos – despertaram no setor agroindustrial a necessidade de ampliar a participação interna. A estratégia de criação de demanda interna incrementou a velocidade de crescimento das agroindústrias voltadas ao consumo doméstico em relação às de exportação.

A liberalização econômica associada ao protecionismo dos blocos econômicos dos países desenvolvidos aumentou as barreiras às exportações de produtos básicos tradicionais, pois os mercados se tornaram mais seletivos e exigentes quanto à qualidade dos produtos. O Brasil, assim como o Paraná, teve grande dificuldade em se adequar tecnologicamente, pois o processo de abertura comercial resultou numa competição desigual, devido ao atraso tecnológico dos vários setores econômicos.

A superação das dificuldades advindas da abertura econômica passou pela estratégia de fortalecimento das negociações intrablocos, para escolherem políticas e estratégias, quotas e tarifas comuns. As vantagens comparativas de parceiros cresceram, como observado no Mercosul, bem como a aproximação de negociações entre os principais blocos econômicos, a exemplo da União Européia e do bloco da América do Norte (Nafta) para futura Aliança das Américas (Alca).³

A abertura econômica proporcionou condições favoráveis aos setores agroindustriais – estes se expuseram à competição internacional e houve atualização tecnológica. Por outro lado, penalizou os setores que tiveram dificuldades em se modernizar na velocidade exigida pelo mercado. O saldo foi o aumento de produção e das exportações de produtos agroindustriais manufaturados.

Os produtos agrícolas tradicionais básicos (açúcar, café, cacau e algodão) na década de 70 participavam com 70% das exportações totais, passando a representar menos de 30% na década de 90, e novos complexos agroindustriais foram incluídos nas exportações nacionais. (PEREIRA, 1996)

Os produtos semimanufaturados apareceram na pauta de exportações no final da década de 60 e, desde então, ampliaram sua participação nas exportações brasileiras, aproveitando-se da política liberal e do crescimento dos produtos manufaturados. Nas décadas de 70, 80 e 90 foram crescentes as participações de produtos manufaturados nas exportações brasileiras e declinantes as dos produtos tradicionais. (JANK, 1990)

³O Mercosul é formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai; a EU, por Alemanha, Bélgica-Luxemburgo, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido; e o *North American Free Trade Agreement* (Nafta), por Canadá, Estados Unidos e México.

O setor agroindustrial brasileiro tem se beneficiado do comércio internacional pela possibilidade de redirecionar o destino de suas exportações para novos segmentos de mercado e até mesmo para novos mercados fora do eixo tradicional de países e blocos econômicos, fortemente protegidos e auto-suficientes.

As diferentes economias regionais dentro da economia brasileira se especializaram na exportação de produtos locais devido às vantagens comparativas, utilizando distintas estratégias na busca de melhor desempenho na comercialização de seus produtos. As economias regionais fora da Região Sudeste apresentaram melhor desempenho no setor agropecuário e nos setores a ele relacionados, tais como: máquinas e equipamentos, insumos modernos, e transformação e beneficiamento de produtos.

A economia paranaense, tradicionalmente exportadora de produtos agrícolas, sempre teve uma forte base na produção agropecuária. O café foi o principal produto de exportação até meados da década de 70. Desde então, a soja tornou-se o principal produto gerador de divisas. Com a modernização da agricultura, as culturas tradicionais foram substituídas pelas culturas denominadas modernizantes, como soja e trigo, que passaram a ser cultivadas em larga escala. Com a mudança da base técnica da produção, cresceram a produção e a produtividade dos fatores a ponto de gerarem excedentes crescentes de produtos a serem enviados ao exterior, principalmente de soja, da qual o Paraná passou a ser grande exportador. (PEREIRA, 1996)

À semelhança do Brasil, a modernização da agricultura paranaense elevou a participação do setor industrial na agricultura, e a exploração das atividades agropecuárias soldou a indústria, a montante e a jusante, formando vários complexos agroindustriais (KAGEYAMA, 1990). Os preços crescentes dos produtos com destino ao mercado externo estimularam a produção agropecuária paranaense à especialização em produtos de maior renda, uma vez que seus preços são formados no mercado internacional, estando livres das políticas macroeconômicas internas de estabilização de preço e renda.

Durante a década de 80, as exportações paranaenses em termos de valores ficaram estagnadas. Nesse período, foram concluídas as instalações dos complexos agroindustriais e os complexos instalados se modernizaram. A pressão dos custos sobre a matéria-prima passou a inviabilizar as unidades menores, que utilizavam baixo padrão tecnológico. Houve concentração agroindustrial e agigantamento das grandes plantas industriais, devido à modernização e à mudança do padrão tecnológico. Essas transformações propiciaram a retomada do crescimento das exportações paranaenses com a oferta crescente de produtos agroindustriais na década de 90.

O complexo agroindustrial paranaense está inserido na economia global, com participação nos mais ativos mercados do mundo. Os blocos econômicos e países de mercados mais dinâmicos – União Européia, Ásia, Tigres Asiáticos, Oriente Médio, *European Free Trade Arrangement* (EFTA)⁴, Europa Oriental, Estados Unidos, Nafta e Mercosul – têm mantido relações comerciais com a economia paranaense (WOSCH, 1999). A proximidade do Paraná com os países do Mercosul tem garantido vantagens comparativas e incremento nas exportações paranaenses do complexo agroindustrial para esse bloco econômico, comparado aos demais mercados mundiais.

Atualmente, a produção paranaense do complexo agroindustrial representa aproximadamente 23% da produção nacional de grãos, sendo que os produtos soja e milho respondem por 16,7% dessa produção. O Paraná não é tradicionalmente exportador de milho, e 30% da soja é utilizada como insumo por outros complexos agroindustriais, como o de carnes. (INDICADORES, 2000)

⁴Bloco econômico formado por Áustria, Finlândia, Noruega, Islândia, Suécia e Suíça.

O Paraná tem condições de ampliar as exportações do complexo agroindustrial, dos setores industriais e de serviços, pois suas exportações totais representam, em média, 8% de seu Produto Interno Bruto, na década de 90, enquanto a média das exportações brasileiras situa-se por volta de 9%. Esses valores são baixos se comparados aos dos Tigres Asiáticos, como a Coreia do Sul, que no início da década de 90 exportou aproximadamente 32% de seu PIB. (KRUGMAN, 2001, p.266)

O comportamento das exportações paranaenses tem sido constantemente influenciado por mudanças nas políticas internas e no contexto econômico mundial. Frequentemente, os efeitos dos choques externos têm sido transferidos para as regiões exportadoras e se manifestam no valor das exportações, interferindo no tipo de produto a ser exportado.

A pauta de exportações dos complexos agroindustriais paranaenses é composta por um reduzido número de produtos e se concentra naqueles que detêm alta participação no valor exportado. Os principais complexos agroindustriais paranaenses representam em média 60% das exportações paranaenses e são representados por soja (56,3%), madeira (19,2%), carnes (9,8%), café (6,0%), açúcar (5,2%), couros e peles (2,9%) e demais complexos de menor valor exportado.

As exportações paranaenses estão concentradas em produtos tradicionais dos complexos agroindustriais, e os complexos de menor valor de produção têm tido dificuldades para adentrar e permanecer no mercado internacional. Há necessidade de políticas e estratégias direcionadas, visando fortalecer as iniciativas de complexos emergentes.

AS VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS NAS EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA PARANAENSE

Neste item, serão discutidos os procedimentos metodológicos para construir um índice de vantagens comparativas reveladas e de *Constant Market Share*, visando avaliar o grau de competitividade das exportações agroindustriais paranaenses.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O modelo *Constant Market Share* (CMS) foi utilizado para analisar o comportamento e a competitividade das exportações paranaenses. Para verificar o padrão de classificação dos complexos agroindustriais, será adotado o indicador de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR).

Modelo *Constant Market Share* (CMS)

A hipótese implícita no modelo de decomposição CMS é a de que o país aumenta sua participação no comércio mundial e suas exportações crescem acima da média quando: a) estão concentradas em mercadorias cujas demandas crescem mais rapidamente; b) são destinadas a mercados/países cuja demanda cresce relativamente mais rápido; c) estão se beneficiando de outros ganhos de competitividade, além dos mencionados. O método atribui o crescimento das exportações, favorável ou desfavorável, ao setor exportador, tanto na estrutura das exportações do país quanto em sua competitividade. A suposição do modelo é de que, mantida a parcela de exportação pelo país, a variação verificada é atribuída à competitividade.

O modelo CMS decompõe o crescimento da participação das exportações nos seguintes fatores: crescimento do comércio internacional, composição da pauta de

exportações, destino das exportações e competitividade, determinada pelo resíduo das demais. O resíduo negativo está associado ao fracasso em manter-se no comércio e o resíduo positivo significa sucesso na ampliação da participação do comércio internacional.

A principal vantagem desse modelo é permitir a análise por componentes e pelo comportamento do produto no mercado de destino, indicando os mercados onde o país é mais competitivo. Embora se utilize de séries passadas, o método CMS apresenta a possibilidade de fazer inferências sobre o direcionamento e a concentração do setor exportador em produtos mais dinâmicos.

Segundo Leamer e Stern (1970), Carvalho (1995) e Stalder (1997), a forma mais simples do modelo CMS é definida por:

$$S \equiv q/Q = f(c/C) f' > 0 \quad (1)$$

Onde:

S = parcela de mercado de um país Z como função de sua competitividade relativa;

q, Q = quantidades exportadas totais do país Z e do mundo, respectivamente;

c, C = competitividade do país Z e do mundo, respectivamente.

O modelo CMS completo considera a estrutura das exportações do país, a qual, mesmo na ausência de mudanças na competitividade relativa, pode afetar o comportamento das exportações ao longo do tempo. As exportações podem estar concentradas em produtos com demanda crescente ou destinando-se a regiões mais dinâmicas e vice-versa.

Assim, considerando a identidade (1), tem-se:

$$S_{ij} \equiv q_{ij}/Q_{ij} = f_{ij}(c_{ij}/C_{ij}), f_{ij} > 0,$$

Onde:

i = produto;

j = mercado de destino.

A variável básica deste trabalho é o valor das exportações, e as estimativas referem-se a pontos discretos no tempo. Partindo do modelo básico, com exportações não-diferenciadas por produtos e regiões, obtém-se a identidade:

$$V^*_{..} - V_{..} \equiv rV_{..} + (V^*_{..} + V_{..} - rV_{..}) \quad (2)$$

(a)

(b)

Onde:

V_{..} = valor total das exportações do país Z, período 1;

V*_{..} = valor total das exportações do país Z, período 2;

r = incremento das exportações mundiais do período 1 para o período 2.

A variação das exportações do país Z de um período a outro está associada à variação das exportações mundiais (a) e a um efeito residual atribuído à competitividade (b). Como as exportações se compõem de um conjunto diverso de produtos, tem-se para o i-ésimo produto uma expressão análoga à (2).

$$V^*_{i.} - V_{i.} \equiv r_i V_{i.} + (V^*_{i.} - V_{i.} - r_i V_{i.})$$

Onde:

V_{i.} = valor total das exportações do produto i do país Z, período 1;

V*_{i.} = valor total das exportações do produto i do país Z, período 2;

r_i = incremento das exportações mundiais do produto i do período 1 para o período 2.

Essa expressão pode ser agrupada em:

$$V^{*..} - V_{..} \equiv \sum r_i V_{i.} + \sum (V_{i.}^{*} - V_{i.} - r_i V_{i.})$$

$$V^{*..} - V_{..} \equiv (rV_{..}) + \sum (r_i - r) V_{i.} + \sum (V_{i.}^{*} - V_{i.} - r_i V_{i.}) \quad (3)$$

Finalmente, considerando a diferenciação das exportações também por destino, chega-se à equação de CMS para o tipo particular de produto e uma região particular de destino:

$$V_{ij}^{*} - V_{ij} \equiv r_{ij} V_{ij} + (V_{ij}^{*} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij})$$

Onde:

- V_{ij} = valor total das exportações do produto i do país Z , para o país J , período 1;
 V_{ij}^{*} = valor total das exportações do produto i do país Z , para o país J , período 2;
 r_{ij} = incremento das exportações mundiais do produto i para o país J do período 1 para o período 2.

Da mesma forma, essa equação pode ser agrupada em:

$$V^{*..} - V_{..} \equiv \sum \sum r_{ij} V_{ij} + \sum \sum (V_{ij}^{*} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij})$$

$$V^{*..} - V_{..} \equiv rV_{..} + \sum (r_i - r) V_{i.} + \sum \sum (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum \sum (V_{ij}^{*} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (4)$$

(a) (b) (c) (d)

Assim, tem-se os efeitos (a) e (b) relacionados a fatores externos, e os efeitos (c) e (d) a fatores internos, onde:

(a) = efeito crescimento do comércio mundial – incremento observado se as exportações do país Z tiverem crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial.

(b) = efeito composição da pauta de exportação – mudanças na estrutura da pauta com concentração em produto com crescimento de demanda mais ou menos acelerado;

(c) = efeito destino das exportações – mudanças decorrentes de exportações de produtos para mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos;

(d) = efeito residual, representando a competitividade – que reflete a diferença entre o crescimento atual e o crescimento que teria ocorrido nas exportações do país Z se tivesse sido mantida a parcela de exportação de cada bem para cada país.

O efeito pauta de exportações (b) – $\sum (r_i - r) V_{i.}$ – indica que, se as exportações mundiais do produto i aumentarem mais do que a média mundial para todas as mercadorias exportadas, $(r_i - r)$ é positivo, sendo forte esse efeito se $V_{i.}$ for relativamente grande; ou seja, o efeito composição da pauta será positivo se as exportações do país Z estiverem concentradas no produto de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial.

O efeito destino das exportações (c) – $\sum \sum (r_{ij} - r_i) V_{ij}$ – será positivo se o país Z tiver concentrado suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado, e negativo se concentrado em regiões mais estagnadas.

O efeito competitividade (d) significa que uma economia é competitiva na produção de determinada mercadoria quando consegue pelo menos igualar-se aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem.

A diferença entre o crescimento das exportações verificadas pelo modelo CMS e o crescimento efetivo é atribuída ao efeito competitividade, e a medida desse efeito relaciona-se a mudanças nos preços relativos. Quando um país deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o termo competitividade torna-se negativo e seus preços crescem diante dos preços dos competidores.

Segundo Leamer e Stern (1970), os fatores que compõem o resíduo de competitividade podem ser reforçados pelas taxas diferenciais referentes: à melhoria de qualidade e ao desenvolvimento de novas exportações; ao incremento na eficiência do *marketing* ou em termos de financiamento das vendas; e à habilidade para atender com prontidão às vendas.

Segundo Carvalho (1995), o modelo CMS é criticado porque desconsidera os fatores de oferta nas inter-relações mundiais de comércio. No entanto, Yotopoulos e Nugent (1976), Rigaux (1971) e Leamer e Stern (1970) afirmam que o efeito competição reflete a interação das condições de demanda e oferta porque incorpora os preços.

Indicador de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

As exportações dos complexos agroindustriais paranaenses estão identificadas com um padrão de inserção no comércio mundial. Com a crescente diversificação da pauta de exportações, é importante verificar se um novo padrão de especialização está se configurando, e o tipo de produto em que está baseado. Para alcançar tal objetivo, foi utilizado o indicador de vantagens comparativas reveladas das exportações paranaenses, calculado conforme Balassa⁵, citado por Nonnemberg (1995) e Carvalho (1995), que definiu o índice de VCR, contendo apenas as exportações, através da seguinte fórmula:

$$(I_{(x)}P_{(i)}) = (X_i^p / X_m^p) / (X_i^w / X_m^w)$$

Onde:

X_i^p / X_m^p = parcela das exportações do produto i (X_i) nas exportações totais da agroindústria (X_m) do país considerado (p);

X_i^w / X_m^w = parcela das exportações mundiais do produto i (X_i^w) nas exportações mundiais de produtos da agroindústria (X_m^w).

O Paraná terá vantagens comparativas reveladas em determinado produto agroindustrial quando a $I_{(x)}P_{(i)}$ for superior à unidade (1,0). Esse indicador é calculado para os produtos agroindustriais de maior penetração nos mercados mundiais, para cada subperíodo compreendido no espaço de 1989 a 1999, para que seja caracterizada a evolução ao longo do tempo do padrão atual das vantagens comparativas do complexo agroindustrial paranaense.

Procedimento Metodológico

As exportações paranaenses são direcionadas a várias regiões do mundo e se inserem no conceito de comércio global, embora tenham presença mais forte em alguns mercados. Devido à tendência de concentração em algumas áreas ou regiões, a análise foi realizada a partir de mercados continentais, blocos econômicos e/ou países importadores dos produtos paranaenses.

Os produtos selecionados para operacionalização dos modelos CMS e VCR foram identificados a partir da maior frequência no complexo agroindustrial – o somatório deveria representar mais de 75% do valor total da pauta das exportações paranaenses. Os principais complexos agroindustriais exportadores são: soja, café, madeira, carnes, açúcar, e couros e peles.

O modelo CMS necessita que os períodos de análise sejam identificados, para a comparação entre pontos discretos no tempo. Como as exportações de um país ao longo do tempo sofrem influências de alterações econômicas internas, a subdivisão em períodos de

⁵Balassa, B. Trade liberalization and "revealed" comparative advantage. The Manchester School of Economics and Social Studies, n.33, May 1965.

análises permite identificar com maior precisão as mudanças econômicas, que se refletem de maneira diferenciada nas exportações. O indicador VCR para efeito de análise complementar respeitará a periodização estabelecida para o modelo CMS.

Os três períodos analisados foram definidos a partir de marcos históricos importantes da economia brasileira, que se refletiram nas exportações paranaenses; cada período representou a média de três anos das exportações.

Os períodos selecionados para base de análise foram:

- a) 1989 a 1992 – esgotamento do período de substituições de importações, início da abertura comercial e mudança na estrutura da pauta de exportações paranaenses;
- b) 1993 a 1996 – consolidação da abertura comercial e reestruturação das exportações paranaenses durante o início do Plano Real;
- c) 1997 a 1999 – período em que o comportamento das exportações se alterou devido às crises financeiras mundiais e à flexibilização cambial brasileira.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Fontes de Crescimento das Exportações

A aplicação do modelo CMS às exportações paranaenses permitiu analisar a decomposição e a contribuição dos efeitos relacionados ao crescimento do comércio mundial, à composição da pauta, ao destino das exportações, bem como à sua competitividade nos três subperíodos considerados.

Os resultados da decomposição das exportações paranaenses são apresentados na tabela 1. A evolução das médias de cada período mostra o crescimento diferenciado e mais expressivo no período 1993-96, indicando que as exportações paranaenses foram influenciadas em parte pelas crises que se abateram sobre a economia mundial, pois verificou-se que a taxa de crescimento das exportações mundiais foi negativa no final da década de 90.

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E PARANAENSES E FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES - 1989/1999

INDICADOR	PERÍODO		
	1989/1992 1993/1996	1993/1996 1997/1999	1989/1992 1997/1999
a) Taxas de crescimento (%)			
Exportações mundiais	37,5	(4,6)	23,8
Exportações paranaenses	101,9	14,6	56,8
<i>Market Share</i>	0,74	0,94	0,84
b) Fonte de crescimento (%)			
Crescimento do comercio mundial	37,5	-29,5	24,1
Composição da pauta de exportações	0,3	61,9	10,6
Destino das exportações	-6,7	1,4	-4,7
Competitividade	68,9	66,1	69,9

FONTES: MDIC/SECEX, IPARDES, FAO

NOTA: Dados trabalhados pelos autores.

O crescimento das exportações mundiais e paranaenses no primeiro período analisado está relacionado ao abrandamento da política comercial internacional, pela redução das tarifas às importações de *commodities* agrícolas e pela redução da oferta dos países desenvolvidos; dessa forma, as *commodities* tiveram seus preços valorizados (CARVALHO, 1995). Esses fatos, combinados à política de câmbio flexível, favoreceram a posição dos exportadores nacionais, resultando no crescimento das exportações brasileiras e paranaenses.

A partir de 1994, a economia mundial voltou a crescer sob a liderança da economia americana, e os preços das principais *commodities* de exportações do complexo agroindustrial paranaense se valorizaram. A melhoria dos preços externos e os juros elevados, constantes nos contratos de adiantamentos de câmbio, mantiveram as exportações atrativas. Os mercados interno e externo aqueceram-se simultaneamente, elevando a capacidade de produção e exportação. (STALDER, 1997)

A recessão que se instalou no Brasil a partir de 1995, combinada com a sobrevalorização cambial, direcionou a demanda interna para produtos estrangeiros, enquanto as exportações caminharam para a estagnação.

A participação das exportações paranaenses (*market share*) do complexo agroindustrial no comércio mundial, embora tenha crescido ao longo da década de 90, ainda é baixa, não ultrapassando 1,0% das exportações mundiais.

A análise da decomposição das fontes de crescimento das exportações paranaenses no primeiro subperíodo em estudo indicou que um terço do crescimento das exportações foi atribuído ao efeito do crescimento do comércio mundial, e dois terços ao efeito competitividade. A composição da pauta teve efeito nulo, mas o destino das exportações atuou de forma a reduzir a participação das exportações, indicando necessidade de ampliação de mercado e maior dinamismo na pauta de produtos enviados ao mercado exterior.

O segundo subperíodo analisado indicou que o efeito crescimento do comércio mundial inibiu o crescimento das exportações paranaenses, enquanto os demais agiram de forma a compensar e alavancar as exportações. Os efeitos pauta de exportações e competitividade contribuíram para a ampliação da participação paranaense nos mercados existentes e em novos mercados, uma vez que o efeito destino das exportações também atuou positivamente.

A análise do modelo CMS por produto ressalta a fragilidade de políticas internas direcionadas à abertura de novos mercados e à divulgação do produto paranaense no exterior, o que pode ser observado pelo valor negativo do indicador destino das exportações. Durante a década de 90, a competitividade do complexo agroindustrial foi a principal fonte de crescimento das exportações paranaenses. O crescimento do comércio e da demanda mundial facilitaram a penetração dos produtos do complexo agroindustrial paranaense no mercado exterior.

A pauta de exportações se manteve concentrada nos produtos considerados tradicionais, e a partir da metade dos anos 90 surgiram outros produtos, como o suco concentrado de laranja e o açúcar bruto, cujos valores exportados eram menores, indicando tendência de diversificação na composição da pauta de exportações.

Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

As vantagens comparativas reveladas do complexo agroindustrial paranaense são apresentadas na tabela 2. A evolução dos índices das vantagens comparativas dos principais produtos em relação à situação internacional indica as principais transformações.

Dos 24 principais produtos de exportação do complexo agroindustrial paranaense, apenas 8 apresentaram índices acima da unidade, demonstrando possuírem vantagens comparativas em relação aos concorrentes internacionais. Os produtos de maiores índices de vantagens comparativas pertencem aos complexos soja e café, e são representados pelos produtos farelo (11,5), grãos (8,3), óleo de soja (5,8) e café solúvel (6,8).

TABELA 2 - ÍNDICES DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS SEGUNDO PRODUTO DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL PARANAENSE - 1989/1999

PRODUTO	ÍNDICE		
	1989/1992	1993/1996	1997/1999
Farelo de Soja	17.931	17.373	11.521
Grãos de Soja	5.358	4.095	8.311
Óleo de Soja	8.365	11.661	5.848
Café Solúvel	7.648	9.565	6.859
Açúcar Bruto	0.000	0.626	3.704
Carne de Frango	3.579	2.605	2.379
Madeira em Chapas	0.531	1.002	1.992
Couros e Peles	1.392	1.292	1.153
Madeira em Placas	0.684	0.779	0.740
Fumos	0.547	0.853	0.688
Café Verde	1.035	0.487	0.612
Suco de Laranja	0.000	0.197	0.519
Açúcar Refinado	0.025	0.169	0.503
Óleo de Algodão	7.743	2.797	0.226
Óleo de Milho	2.290	1.250	0.216

FONTES: MDIC/SECEX, IPARDES, FAO

NOTA: Dados trabalhados pelos autores.

O café solúvel tem ampliado sua participação no mercado internacional porque é um produto diferenciado por processos industriais que proporcionam qualidade superior à dos demais cafés e substitutos mais próximos. O índice de vantagens comparativas ainda é elevado, mas apresentou tendência declinante de competitividade no final da década de 90.

A análise do comportamento dos índices do farelo de soja revela perda de vantagem comparativa ao longo do período analisado, embora se mantenha como principal produto de exportação do complexo agroindustrial paranaense. O óleo de soja foi o segundo produto de maior índice de vantagem comparativa até o período 1993/96, mas na última fase perdeu a posição para a soja em grãos. O aumento das exportações de soja em grão se deve ao aumento de sua capacidade de competir no mercado internacional, enquanto os subprodutos farelo e óleo reduziram a competitividade.

O segundo grupo de produtos com índice de vantagem comparativa moderada a fraca é composto por madeira em chapas (1,9), couros e peles (1,1), açúcar bruto (3,7) e carne de frango (2,3), que se caracterizam como produtos tradicionais da pauta de exportações paranaenses, com exceção do açúcar bruto, com presença na pauta de exportação somente a partir da metade dos anos 90.

A análise do comportamento geral desse grupo revela tendência crescente nos índices de vantagens comparativas para os produtos açúcar bruto e madeira em chapas, enquanto carne de frango e couros e peles apresentaram os piores desempenhos nos preços relativos, com redução progressiva do índice de vantagem comparativa ao longo da década de 90.

O grupo que não alcançou vantagens comparativas no comércio internacional é composto por produtos com tendência drástica de redução do índice de crescimento – óleo de algodão e óleo de milho. No grupo com vantagens comparativas declinantes e com índice abaixo da unidade estão produtos tradicionais como madeira em placas, fumo e café verde, que durante a década de 90 permaneceram com os índices estacionados entre 0,6 a 0,8. O grupo também tem produtos com forte crescimento, como o suco de laranja e o açúcar refinado, cujos índices estão acima de 0,5 e podem ser considerados produtos potenciais para se firmarem na pauta das exportações, devido ao crescimento do índice de vantagens comparativas do segundo para o último período, quando a maioria dos demais produtos apresentaram redução.

As características gerais da pauta de exportações paranaenses, analisadas pelo prisma das vantagens comparativas reveladas, mostraram que as exportações do complexo agroindustrial ainda estão concentradas e especializadas em produtos tradicionais. Os produtos com presença na pauta das exportações paranaenses em décadas passadas, com exceção do açúcar bruto e refinado e do suco de laranja, voltaram a marcar presença na pauta a partir do segundo período.

CONCLUSÃO

A economia paranaense se caracteriza como uma economia agroindustrial, cujo forte setor produtivo agropecuário tem sido o gerador do excedente exportável. O setor agropecuário paranaense na década de 80 transformou-se em função da implantação e da modernização do seu complexo agroindustrial, e os reflexos foram sentidos no início da década de 90 dado o aumento significativo das exportações agroindustriais. Somente a partir da segunda metade dos anos 90, a nova reestruturação industrial com implantação do parque industrial automotivo na Região Metropolitana de Curitiba alterou o perfil da produção e das exportações.

O setor agropecuário tradicionalmente desempenhou o importante papel de gerador de divisas para a economia paranaense. A retomada do crescimento das exportações paranaenses ocorreu após a transformação e adequação do parque agroprocessador à luz da abertura comercial brasileira no início da década de 90.

Verificou-se que a mudança na pauta de exportação não é exclusiva da economia paranaense, mas de abrangência mundial. A evolução dos índices de vantagens comparativas reveladas (VCR) confirmou essa tendência geral. Os produtos de maior desempenho foram os dos complexos soja e café (grãos, farelo, óleo e café solúvel). Os principais produtos com índices de evolução crescentes foram soja em grãos, açúcar bruto e refinado, madeira em chapas e suco de laranja. Também se destacaram os óleos de algodão e milho, que a partir de 1996 deixaram de apresentar vantagens comparativas.

A análise das fontes de crescimento das exportações por produto mostrou que, no primeiro período analisado (1989-92 a 1993-96), o crescimento do comércio mundial e a competitividade explicaram um terço e dois terços, respectivamente, do crescimento das exportações. Nesse período, o comércio mundial se expandiu, mas internamente a situação foi de incerteza, derivada do processo de ajustes macroeconômicos (planos Collor e Real); mesmo assim, as condições permitiram o desenvolvimento de formas capazes de ofertar produtos agroindustriais com competitividade ao comércio internacional.

O segundo período (1993-96 a 1997-99) foi marcado pelas adversidades internacionais. A retomada do crescimento mundial a partir de 1995 e as sucessivas crises financeiras de grandes proporções abalaram a credibilidade internacional e frearam o processo de crescimento, redirecionando os fluxos dos capitais mundiais. Com a retração do comércio mundial, o processo evolutivo das exportações paranaenses foi sustentado pela composição da pauta e pela competitividade de seu complexo agroindustrial.

A diversificação da pauta e a competitividade foram as principais fontes de crescimento das exportações paranaenses, responsáveis pela superação das adversidades comerciais externas, resultando em efeitos positivos nas exportações para mercados alternativos além dos tradicionais europeus e norte-americanos.

As condições externas exerceram grande influência no desempenho do setor agroexportador paranaense, como em qualquer outra região, mas os elementos fundamentais para a superação das dificuldades de operacionalização no comércio exterior podem estar associados à criação de bases estruturais definidas no tempo, que sejam capazes de reunir os elementos do desenvolvimento tecnológico, da infra-estrutura e de políticas voltadas ao estímulo às exportações.

As políticas públicas futuras devem priorizar as reformas estruturais, reduzindo os custos da logística nos vários setores econômicos e os custos tributários incidentes na produção que se destina à exportação (custo Brasil). Atualmente, as exportações paranaenses e brasileiras são muito oneradas perdendo conseqüentemente vantagens comparativas diante dos competidores internacionais.

REFERÊNCIAS

ARAUJO JUNIOR, J. T. **Poder de mercado e competitividade internacional**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2000.

BONELLI, R. **Produtividade, crescimento industrial e exportações de manufaturados no Brasil: desempenho e competitividade**. Rio de Janeiro: IPEA, 1994.

CARVALHO, E. G. **Competitividade internacional em uma perspectiva setorial: uma abordagem a partir da indústria japonesa**. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em economia) - Universidade Estadual de Campinas.

CARVALHO, F. M. A. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. Piracicaba, 1995. Tese (Doutorado em Economia) - Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz.

CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. L. **Economia internacional**. São Paulo: Saraiva, 2000.

CONJUNTURA estatística. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro: FGV, v.55, n.1, p.xviii, jan.2001.

COUTINHO, L. A terceira revolução industrial e tecnológica. **Economia e Sociedade**, Campinas: UNICAMP/IE, n.1, p.12-46, ago. 1992.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.

DAVID, M. B. A.; NONNENBERG, M. J. B. Mercosul: integração regional e o comércio de produtos agrícolas. Rio de Janeiro: IPEA, 1997.

DUARTE, P. P. **Indicadores de competitividade dos principais produtos agropecuários exportados pelo Brasil**. Brasília, 2000. Monografia (Graduação em economia) - Universidade de Brasília.

FAJNZYLBBER, F. Competitividad internacional: evolución y lecciones. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n.36, p.12-26, 1988.

FAO. **Relatório do comércio mundial**. Roma, 2001.

FERRAZ, J. C.; KRUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brasil**: desafios competitivos para a indústria. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

FONTENELE, M. A. M.; MELO, M. C. P.; ROSA, A. L. T. Setores exportadores da região do Nordeste: uma análise sob a ótica da competitividade revelada. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 27., Belém, 1999. **Anais**. Niterói: ANPEC; São Paulo: SEP, 1999.

GOLDIN, I.; REZENDE, G. C. **A agricultura brasileira na década de 80**: crescimento numa economia em crise. Rio de Janeiro: IPEA, 1993. (Série IPEA, 138)

HAGUENAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas**. Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, 1989. (Texto para discussão, 211).

INDICADORES DA AGROPECUÁRIA. Brasília: CONAB, v.9, n.1, jan.2000.

IPARDES. Balança comercial do Paraná em 1997. **Paraná – Comércio Exterior**, n.1, p.4-10, dez. 1997.

IPARDES. Desempenho do comércio exterior em 2000. **Paraná – Comércio Exterior**, n.4, p.4-11, 2000.

JANK, M. S. Mudanças no padrão de crescimento e dinâmica de ajuste externo do setor agroindustrial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 28., 1990, Florianópolis. **Anais**. Brasília: SOBER, 1990. p.227-307.

KAGEYAMA, A. et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, Guilherme Costa; GASQUES, José Garcia; VILLA VERDE, Carlos Monteiro (Org.). **Agricultura e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 1990. (Série IPEA, 127). p. 113-221.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional**: teoria e política. 5.ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

LAFAY, G. H.; HERZOG, C. **Commerce international**: la fin des avantages acquis. Paris: Economica, 1989. p.235-297.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. Constant-market-share analysis of export growth. In: _____. **Quantitative international economics**. Boston: Allyn and Bacon, 1970. cap.7, p.171-183.

LOURENÇO, G. M. **A economia paranaense dos anos 90**: um modelo de interpretação. Curitiba: Ed. do Autor, 2000.

NONNENBERG, M. J. B. **Blocos de comércio e competitividade das exportações brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 1994. (Texto para discussão, 334)

NONNENBERG, M. J. B. Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e intensidade de recursos naturais: resultados para o Brasil – 1980/88. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro: IPEA, v.25, n.2, p.373-404, ago.1995.

PEREIRA, L. B. Consolidação e perspectivas da agroindústria paranaense ante o mercado externo. **Estudos Econômicos**, São Paulo: USP/IPE, v.26, n.2, p.141-69, maio/ago. 1996.

PINHEIRO, A. C.; MOREIRA, A. R. B.; HORTA, M. E. **Indicadores de competitividade das exportações**: resultados setoriais para o período 1980/88. Rio de Janeiro: IPEA, 1992.

POSSAS, S. M.; CARVALHO, E. G. Competitividade internacional: um enfoque teórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 17., 1989, Fortaleza. **Anais**. São Paulo: ANPEC, 1989. p. 1212-29.

RIGAUX, L. R. Market-share analysis applied to Canadian wheat export. **Canadian Journal of Agricultural Economics**, Winnipeg, v.19, n.1, p.22-34, July 1971.

SALES, A. S. **Vantagens comparativas e padrão do comércio exterior brasileiro**: uma análise empírica com ênfase no modelo de Hechscher-Ohlin. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de São Paulo.

SALVATORE, D. **Economia internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

SCATOLIN, F. D.; DOMAKOSKY, L. A.; PAULA, N. M. **Competitividade da indústria paranaense**: uma análise setorial. Curitiba: IPARDES, 1994.

STALDER, S. H. G. M. **Análise da participação do Brasil no mercado internacional de açúcar**. Piracicaba, 1997. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

VICENTE, J. R. Evolução das exportações brasileiras de carnes. **Informações Econômicas**, São Paulo: IEA, v.30, n.9, p.32-59, set. 2000.

WOSCH, L. F. de O. Perfil das exportações paranaenses nos anos noventa. **Análise Conjuntural**, Curitiba: IPARDES, v.21, n.11-12, p.3-7, nov./dez.1999.

WOSCH, L. F. de O. Exportações paranaenses: forte impulso no 1º semestre. **Análise Conjuntural**, Curitiba: IPARDES, v.23, n.7-8, p.11-16, jul./ago.2001.

YOTOPOULOS, P. A.; NUGENT, J. **Economics of development**: empirical investigations. New York: Harper and Row, 1976.